

Vivaldo Vieira

(Segunda de uma série de quatro reportagens)

O GRANDE BEM COMUM DA PAZ

O POPULAR - 13.07.69

A barreira da língua e dos costumes, não impediu que o índio xinguanu vivesse em harmonia e fraternidade com os seus vizinhos. O mundo indígena é, realmente, feliz. Será nossa cultura um ideal? O índio responde que não.



São 14 tribos diferentes, mas isto não impediu que as famílias indígenas do Xingú fivessem paz



Sarirua, respeitado cacique dos Iwalapiti, fabricando um colar de unhas de onça. Este é um dos objetos de adorno mais raros da tribo em virtude da escassez do felino na região.

Como dissemos na reportagem anterior, convivem no Parque Nacional do Xingu nada menos que 14 tribos diferentes. Este fato último fornece um quadro diferente e falando, consequentemente, dialetos diferentes. Este fato último fornece um quadro colorido ao Parque, uma miniatura de uma verdadeira metrópole onde a comunicação se efetua em várias línguas.

Assim, também, é no Xingu, e de tal maneira que a comunicação inter-tribos e destas com a sociedade nacional e visitantes de outros países, em sua esmagadora maioria, só se processa por mímica e trejeitos de toda sorte.

Apesar disso, isto é, da multiplicidade de línguas, uma das coisas que mais impressiona o visitante de primeira vez é o sentimento de amizade e camaradagem entre todas as tribos. Diariamente indivíduos de uma tribo se encontram nas aldeias de outras, onde são recebidos com a maior cordialidade, portando-se como se estivessem entre os seus, tendo os anfitriões o cuidado de nada faltar ao visitante, nem mesmo a confortadora rede para o descanso das longas caminhadas.

O repórter é testemunha de uma destas cenas de todos os dias. Encontrando-se o cacique dos Kuikuro, chamado Narro, na sede do Posto e sendo incumbido de levar alguns peixes à aldeia dos Iwalapiti pescados pelo Kanato, irmão do cacique Iwalapiti, que descejava ser os mesmos em treques a uma das suas esposas, Tipuri, que ficará na maloca de resguardo de uma criança há poucos dias nascida, resolvemos acompanhar o Narro na caminhada de uns dois quilômetros até à aldeia Iwalapiti, pelo simples prazer de visitar, mais uma vez, a citada aldeia. Ali chegando, o Narro se dirigiu à maloca onde se encontrava Tipuri e entregou-lhe os peixes, a mando de seu marido. Imediatamente, duas ou três mulheres que ali se encontravam (o grosso da tribo estava acampado à margem do rio Tuatuari, havia cinco dias, ocupada na pesca com o Timbo, a uns dez quilômetros da aldeia) iniciou a feitura de beijos fresquinhos. Confessamos que não demos muita importância ao fato já que essa atividade é de todos os dias e todas as horas. Enquanto isso, o Narro deitou-se na rede do Kanato, que estava pescando, e ficou palestrando com as mulheres, (no dialeto Iwalapiti que, excepcionalmente, domina). Dentro de uns cinco minutos estavam prontos dois grandes beijos, que foram entregues ao Narro e ao repórter, como retribuição ao favor que prestávamos.

Cenas de solidariedade e cordialidade como esta se repetem continuamente e não temos conhecimento de qualquer inimizade entre tribos ou facções. Não obstante a barreira de línguas diferentes todos os indígenas que vivem na área do Parque se conhecem e se entendem como se pertencessem a uma mesma tribo, fato esse que se deve levar a crédito aos esforços dos Vilas Boas, pela harmonia que vêm implantando nas comunicações inter-tribais.

CASAMENTOS MISTOS

A cordialidade inter-tribal, como dissemos, não tem limites. Aqui mesmo está um fato que vem demonstrar esta verdade de maneira indiscutível: é o do casamento inter-tribal. Com efeito, não encontramos uma só tribo em que não ocorram casamento com indivíduos de outras tribos. O próprio Kanato, a que nos já referimos, possui duas esposas Iwalapiti e uma Kamayrá. Ele é, por sinal, um dos índios mais inteligentes e mais cordiais que conhecemos. Pelo que pudemos descobrir, suas esposas vivem na mais perfeita união e nada descobrimos que pudesse comprovar o contrário. Como esse caso são os demais. É bem verdade que a regra é o casamento monogâmico, mas quase todos os caciques que tivemos a oportunidade de conhecer são casados com mais de uma mulher.

Embora não tenhamos, de pronto, uma explicação científica para a possibilidade do casamento inter-tribal (esse é, de fato, um dos objetos de pesquisa que pretendemos realizar com nossos alunos próximamente), parece-nos, à primeira vista, que suas causas poderão ser encontradas na ausência de mulheres, em condições de casamento, dentro da mesma tribo, em virtude da divisão dual ou de metades, encontrada em grande número das tribos brasileiras e que tem como função regular, justamente, o casamento.

Assim, e dadas as relações cordiais, indivíduos de uma tribo facilmente se aparentam com uma outra através do casamento, e são bem vistos, parecendo, pelos próprios caciques, dadas as vantagens que daí advêm para ambos os grupos.

Esses casamentos, como era de se esperar, não deixam de influir nas relações inter-tribais, estreitando-as e mantendo os indivíduos cada vez mais comprometidos, ao tempo em que se unem em defesa de direitos comuns de toda a população indígena em relação à sociedade nacional.

BRANCOS E INDIOS UM MESMO IDEAL

Quem visita o Parque Nacional do Xingu, logo que pisa a escada de descida do avião, se depara com uma cena curiosa: alguns índios completamente nus, outros semi-vestidos e outros, devidamente vestidos. Entre estes estão os motoristas do Posto, um dos quais é o Megaron, um simpático jovem Txukarramae, de não mais de 20 anos. O espírito de solicitude que então se apodera da aqueles eficientes auxiliares do Posto é qualquer coisa de impressionante: a todo momento estão procurando os mínimos desejos dos visitantes com o fim de satisfazer-lhes a vontade.

Essa disposição de espírito não é, apenas, mo-

mentância: ela persiste por todo o tempo que o visitante permanece no Posto, não importa quantos dias sejam. Desde o Megaron, como já dissemos, e passando pelo Aruavi, o técnico de rádio e em carregado do serviço de radiofonia, pelo Kaniko, um outro motorista e encarregado dos motores, pelo Sabino, o chefe da cozinha e suas duas auxiliares, sua esposa e sua cunhada, pelo Pitim, uma espécie de substituto do Orlando em sua ausência; enfim, por todos os auxiliares da administração, a quem quer que se dirija o visitante para obter uma informação, merecer um favor ou dar uma incumbência, todos o recebem com amabilidade e dedicação.

Em certa noite estava o repórter em seu quarto quando, sem se fazer anunciar, abrindo a porta, ali penetrou um jovem Txukarramae, de uns dezesseis anos, mais ou menos, de nome Bel Toc. Aproximando-se bastante do repórter disse-nos em voz quase imperceptível: "eu quer que você me ensine escrever língua Caraiiba". Imediatamente pediu-nos lápis e papel e começou a desenhar algumas letras. Debalde foram os nossos esforços para convencê-lo de que o tempo que ali permaneceríamos não seria suficiente para que ele aprendesse alguma coisa de proveito. Queria, a todo custo, aprender a escrever. Depois de duas longas horas de "aula", perguntamos-lhe porque falava tão baixo, sendo ele um rapaz tão robusto. Num português arrevesado, explicou-nos, então, que assim procedia com receio de que alguns de seus companheiros que estavam por perto e que já tinham noções de escrita, fornecidas pela professora do Posto, descobrissem o seu atraso em relação a eles. Esse rapaz ficou nosso amigo incondicional e nunca poderemos esquecer o sentimento de gratidão que lhe invadia a alma quando nos encontrávamos.

O INDIÓ — UM SER FELIX

Por força de nossa disposição de estudar um dos dialetos ali falados, a partir do terceiro dia de nossa estada no Posto passamos a visitar, diariamente, a aldeia dos Txikão, a mais próxima do Posto, distante, apenas, um quilômetro. Todos os dias, pela manhã e à tarde lá estávamos, convivendo com eles, comendo do mesmo beijo e realizando, praticamente, as mesmas tarefas cotidianas.

Os Txikão, última das tribos pacificadas, se resumem, apenas, a uns 40 indivíduos de ambos os sexos. Seu cacique, o Pabulu de quem já fizemos referência, é um velho de uns 70 anos de idade, o que não o impede, absolutamente, de suas atividades normais.

Pois bem, em todos os dias que ali estivemos e em todas as horas de convivência com eles, em momento algum presenciamos qualquer resquício de tristeza em qualquer dos presentes. Pelo contrário, a todo instante alguém estava provocando risos do grupo. Trabalhando ou parados, andando ou sentados nas redes, o índio Txikão era sempre o mesmo: um eterno risinho e brincalhão.

Em certo dia vimos uma mulher carregando às costas grande cesto empilhado de raízes de mandioca que trazia da roça, a uns dois quilômetros de distância. A sua aparência era a de uma pessoa extremamente cansada e exausta. Quando já se encontrava na área limpa da aldeia, vimos que uma das cordas que prendiam o cesto à cabeça se desprendeu e todo o fardo foi ao chão. Nesse momento os que presenciaram a cena (umas quinze pessoas, mais ou menos) se desataram em gargalhadas, enquanto as crianças presentes soltavam gritos de contentamento com a desgraça alheia. Por um momento a pobre mulher encarou os presentes com seriedade e logo depois desatou a rir também. É assim a vida numa aldeia xinguanu. Ninguém encontra tempo para tristezas, ódio ou rancor. Não se pretenda insinuar que a vida na aldeia, do nosso ponto de vista, é um mar de rosas. Não, tudo ali é sofrimento, mas, apenas, para nós. O índio sempre encontra motivos para se mostrar feliz e não perde oportunidade de exteriorizar o contentamento que lhe invade a vida, rindo a todo instante e de tudo achando graça, até mesmo das ações mais sérias dos seus companheiros.

NOSSA CULTURA — UM SUPLÍCIO

Conversando com um índio da tribo Meimako, por sinal um dos bons amigos que ali fizemos, surpreendemos-nos com algumas observações que nos fez sobre o que pensava de nós, os brancos. Entre outras coisas disse-nos em seu português macarrônico: — "Eu tem pena de vocês, caraiibas. Vocês são infelizes demais. Só em imaginar que vocês morrem de fome se não têm dinheiro para comprar coisas me dá arrepio. Vocês — prosseguiu — ele não são amigos de ninguém. Se você não ganha dinheiro morre mesmo porque ninguém dá nada de graça. Nós, não, nunca vimos dinheiro. Tudo temos de graça. Nós não tem preocupação. Nós somos felizes. Nós não temos o dia de amanhã. Nós vive o dia de hoje. Nós somos muito felizes".

Após uma série de outras considerações não se mesmo tom (ficamos a palestrar por mais de duas horas) ficamos a imaginar como o índio brasileiro, especialmente o do Xingu, resolverá o sério problema de aculturação que, infelivelmente, virá.

Só podemos garantir, desde já, é que esse problema, a seu modo, é encarado seriamente pelo índio. Há, como acabamos de ver sérias resistências à aculturação. Resistências e apreensões. Por enquanto os habitantes do Xingu não conhecem, ainda, o dinheiro. Trabalham quando querem e tudo quanto recebem de nossa cultura é na base de troca direta. Mas... até quando continuará essa situação?